

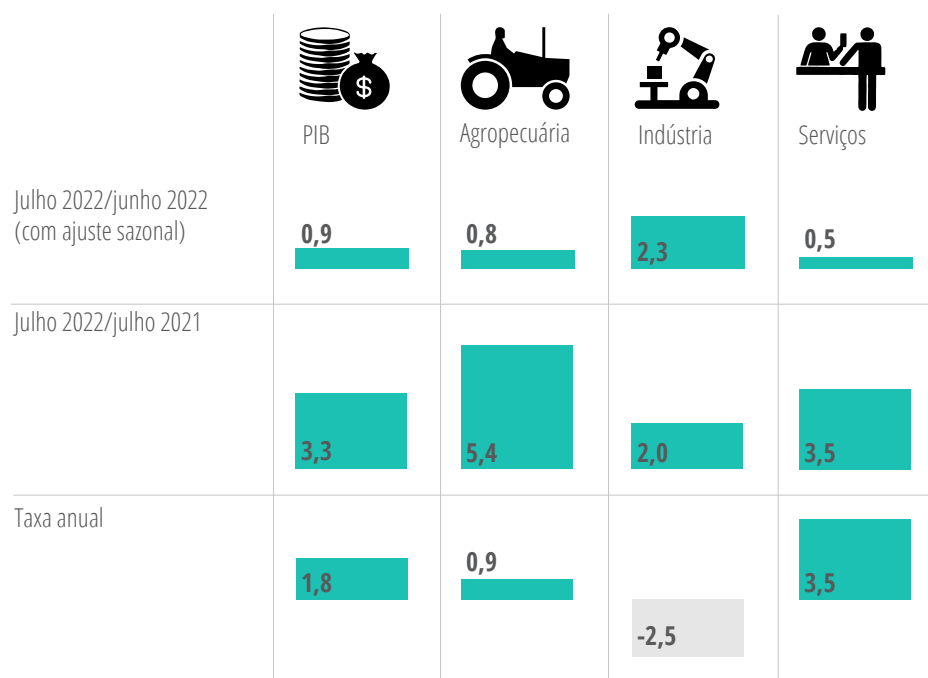
## Estado de São Paulo

O PIB do Estado de São Paulo cresceu 0,9% em julho na comparação com junho, já descontados os efeitos sazonais, terceira variação positiva nessa mesma base de comparação. Os três grandes setores apresentaram crescimento: agropecuária (0,8%), indústria (2,3%) e serviços (0,5%).

Considerando a comparação com julho de 2021, houve expansão de 3,3% do PIB paulista, com crescimento em todos os setores: 5,4% na agropecuária, 2,0% na indústria e 3,5% nos serviços.

Na taxa anual, o PIB do Estado avançou 1,8%, com crescimento nos serviços (3,5%) e na agropecuária (0,9%), enquanto a indústria permaneceu com taxa negativa (-2,5%).

### Evolução do PIB paulista, em %



Fonte: Fundação Seade.

Os serviços continuam atuando como motor da atividade econômica do Estado de São Paulo, contando em julho também com o impulso dado pela recuperação na margem da indústria e da agropecuária.

Com base nesses resultados mais favoráveis, as projeções da Fundação Seade para o PIB paulista em 2022 passam a ter agora mínima de 2,0%, média de 2,6% e máxima de 3,1%. Por sua vez, para a economia brasileira as projeções são de mínima de 2,5%, média de 2,8% e máxima de 3,0%.

### Projeções para o PIB em 2022

Brasil e Estado de São Paulo, em %

	Mínima	Média	Máxima
Estado de São Paulo	2,0	2,6	3,1
Brasil	2,5	2,8	3,0

Fonte: Fundação Seade.

A análise sobre a recente melhora da atividade pode ser complementada com outros indicadores conjunturais. A Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE registrou, em julho, crescimento na margem de 1,3% do volume de serviços no Estado de São Paulo, com taxa anual em 11,0%. Em termos dos segmentos pesquisados, os maiores destaques têm sido alojamento e alimentação e transportes, confirmando a hipótese de forte demanda por serviços, que esteve reprimida na pandemia.

Além disso, os dados do Caged continuam apontando para a recuperação do emprego, com uma geração líquida de 454,6 mil postos de trabalho formais no Estado de São Paulo, no acumulado entre janeiro e julho, o que representa avanço de 3,6% em relação ao contingente de trabalhadores formais de dezembro de 2021.

Também o comércio exterior paulista contribuiu para o crescimento do PIB. Na comparação entre o acumulado de janeiro a agosto com o de igual período do ano passado, as exportações cresceram 34,7%, acima da taxa relativa às importações (22,4%), resultando em uma queda de 36,8% no déficit da balança comercial.

Em relação ao cenário até o final do ano, é possível identificar alguns fatores que podem influenciar o resultado do PIB paulista em 2022:

- A inflação passou a dar sinais de desaceleração, com o IPCA anualizado recuando de 11,7% para 8,7%, entre maio e agosto, após deflação em junho e julho. Um efeito desse processo é dar condições para que o Banco Central encerre o ciclo de alta dos juros básicos. Ainda que o nível de preços continue elevado, reduz-se o ritmo de corrosão do poder de compra dos rendimentos do trabalho, o que acaba favorecendo o consumo, especialmente de bens não duráveis;
- A evolução do PIB paulista até julho, que forneceu a base para as projeções atuais, ainda não capta os efeitos do pacote de benefícios, cujo maior destaque é o aumento do Auxílio Brasil de R\$ 400 para R\$ 600, o que deve beneficiar o consumo, mesmo que parte desses recursos seja utilizada para pagamento de dívidas. Segundo informações do Governo Federal, o total de famílias beneficiadas no Estado de São Paulo chega a 2,5 milhões;
- A recuperação do emprego, segundo os analistas, deve continuar firme até o final do ano e, mesmo com redução do seu ritmo, permanecerá beneficiando o consumo. De acordo com as últimas informações disponíveis da PNAD Contínua do IBGE, a ocupação no Estado de São Paulo cresceu 11,2%, na comparação entre o segundo trimestre com igual período de 2021, acréscimo de 2,4 milhões de pessoas empregadas, e, caso essa tendência seja mantida, haverá um impacto positivo na massa de rendimentos;
- Por outro lado, o cenário internacional volta a preocupar, depois de um período de relativa acomodação. Em primeiro lugar, a guerra na Ucrânia ganhou nova dimensão com a contraofensiva ucraniana e a ameaça russa de utilização de armas nucleares. Simultaneamente, a crise energética prevista para a Europa vem sendo antecipada pela própria dinâmica do conflito militar e deve ser mais aguda do que se imaginava. Além disso, a recente elevação dos juros básicos pelo FED em 0,75 p.p. confirma a expectativa de uma política monetária mais agressiva dos EUA para conter a inflação, com reflexos globais sobre juros e preços;



**GOVERNO DO ESTADO**  
**DE SÃO PAULO**

**Governador do Estado**  
Rodrigo Garcia

**Secretário de Governo**  
Marcos Penido

**SEADE**  
**Presidente do Conselho Curador**  
Carlos Antonio Luque

**Diretor Executivo**  
Bruno Caetano

**Diretor-adjunto de Produção e**  
**Análise de Dados**  
Carlos Eduardo Torres Freire

**Diretor-adjunto de Comunicação**  
**e Informação**  
Marcelo Moreira

**Diretor-adjunto Administrativo e**  
**Financeiro**  
Carlos Alberto Fachini

**Chefe de Gabinete**  
Sérgio Meirelles Carvalho

**PIB PROJEÇÕES**  
**Responsável técnico**  
Vagner Bessa

**Equipe técnica**  
Deraldo de S. Mesquita Jr., Luis Fernando  
Novais e Maria Regina Novaes Marinho

**Assessoria de Editoração e Arte**  
**Responsável técnico**  
Paulo Emirandetti Junior  
**Equipe técnica**  
Cristiane de Rosa Meira, Elisabeth Magalhães  
Erharter, Maria Aparecida Batista de Andrade,  
Rita Bonizzi, Tânia Pinaffi Rodrigues e Vania  
Regina Fontanesi

“Robotic Conveyor” icon by Vectors Market from the Noun  
Project.

- Também como fator negativo, o anúncio de encerramento do ciclo de alta dos juros pelo Banco Central veio acompanhado de uma provável manutenção da Taxa Selic em 13,75% até o segundo trimestre de 2023, o que implica em juros básicos subindo em termos reais dos atuais 4,6% para 7,3% no final do ano, caso as projeções de 6,0% para o IPCA se confirmem;

- Há indicativos de que a política monetária já impacta negativamente consumo e investimentos. Pelo lado do consumo, a PMC-IBGE revela que, até julho, as vendas do comércio varejista ampliado no Estado de São Paulo tiveram queda anual de 4,3%. Quanto aos investimentos, percebe-se uma desaceleração da produção paulista de máquinas e equipamentos medida pelo IBGE, com a taxa anual passando de 11,4% para 4,7%, entre maio e julho.